

Deo-me este livro Sr. Sr.
Antonio de M. Pitta em 1833
Sr. Joze do Bom Sucesso Guerreiro.

12 - 1
24090

1822
The records of the
Historical Society of the
City of New York
Volume 1



BREVE NOTICIA

DOS

DESACATOS MAIS NOTAVEIS ACONTECIDOS EM
PORTUGAL DESDE A SUA FUNDAÇÃO
ATE' AGORA, E O

SERMÃO DE DESAGGRAVO

PELOS ULTIMOS,
COMETTIDOS NESTE MESMO ANNO.

*Prégado na Igreja Parochial de Santa Isabel
Rainha de Portugal,*

E OFFERECIDO

AO EMINENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

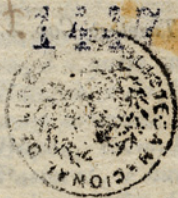
D. CARLOS DA CUNHA

CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

POR

FR. JOÃO DE S. BOAVENTURA,

*Monge de S. Bento, Mestre em Theologia,
Prégador a F. Rei Nosso Senhor, e Real
Capellas da Santa Igreja Patriarchal, e Real
Paço da Bemposta, e Examinador Synodal
do Patriarchado.*



LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1825.

Com Licença.

Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, purientes auribus: et á veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac Evangelistæ, ministerium tuum imple.

Epist. II. S. Paul. ad Timoth. C. IV.

Virá tempo, em que muitos homens não sofrerão a sã doutrina; e não querendo ouvir a verdade, accumularão para s mestres conforme aos seu le... desta sorte apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. Tu porém vigia, trabalha, préga o Evangelho, cumpre o teu Ministerio.

Epistola 2.^a de S. Paulo a Timotheo Cap. 4.^o

A Alguns Portuguezes honrados, a quem o zelo da Religião inflamma, e que com verdadeiras lagrimas de amargura tem ouvido a historia de tantos, e tão repetidos desacatos, comettidos contra o Santissimo e Divino Sacramento dos nossos Altares, me instarão publicasse pela imprensa o Discurso, que préguei em desagravo á Divina Magestade offendida na sua mesma Real e Adoravel Presença. A vista do que me resolvei desde logo a dedica-lo a V. Eminencia, a quem cordialmente respeito e venero, e a quem os Portuguezes, amantes da Religião e do Rei, reconhecem, e adorão como contraste da impiedade, modelo dos Bispos, exemplo da firmeza e constancia Pastoral, e hum Prelado digno dos primeiros seculos da Igreja.

Se Jesus Christo foi desacatado e offendido na sua mesma Divina e Real Pre-

sença por malvados e iníquos profanadores;
V. Eminencia, como verdadeiro Pastor,
e Defensor da Igreja, foi offendido e ul-
trajado pela mão da impiedade, e falsa fi-
losofia do seculo.

Para desaggravar a Jesus Christo nós
lhe offerecemos nossos corações cheios de Fé,
nossas lagrimas, nossas adorações, nossos
cultos, e protestámos reconhecê-lo, e ado-
ra-lo realmente presente no Augusto Sa-
cramento dos nossos Altares: para desag-
gravar a V. Eminencia basta o testemu-
nho publico, com que o mundo Catholico
reconhece a firmeza de V. Eminencia; e
para dar-lhe huma pequena prova do cor-
dial affecto que lhe consagro, e do quanto
me interesso no bem da Religião, e no ex-
terminio da impiedade, respeitosa-mente of-
fereço a V. Eminencia huma breve noticia
dos desacatos mais notaveis, comettidos

contra a Divina Pessoa de Jesus Christo, desde a fundação de Portugal até ao presente, e igualmente o Discurso que préguei em desaggravo do mesmo Divino Senhor, pelos ultimos e nefandos attentados que neste mesmo anno se perpetrarão contra o Senhor Sacramentado.

Na historia dos desacatos verá V. Eminencia quanto a Fé dos Portuguezes, comparada com os antigos tempos, tem enfraquecido e vacillado, pelo imperio quasi absoluto que a impiedade, e fllosophia do seculo tem estabelecido no meio de nós: e no Discurso de Desaggravo, conhecerá com verdade que com tantas, e tão repetidas profanações dos Lugares Santos, e do mesmo Deos, nem a Fé dos Portuguezes póde vacillar, nem a fllosophia do seculo triumphar.

Queira pois, Eminentissimo Senhor, receber benignamente esta pequena offerta,

que, não sendo de huma penna eloquente,
he dictada por hum coração (ainda que
peccador) com tudo fervoroso, e cheio de
Fé. Deos conserve a vida de V. Eminencia
por dilatados annos para honra e gloria
de Deos, e satisfação dos verdadeiros Por-
tuguezes, como cordialmente lhe deseja,
quem he

DE V. EMINENCIA

Subdito e Orador constante

Fr. João de S. Boaventura.

BREVE NOTICIA

Dos desacatos e roubos de Sacrario, committidos em Portugal desde a sua fundação até o anno de 1779.

A RELIGIÃO he a base, de que depende a segurança do Throno, e a tranquillidade dos povos: ella he o freio moral do coração do homem, aonde não podem chegar as Leis civis, que sómente podem regular, e punir as acções externas. Destruida ella, ou desprezada, serão relaxados todos os vinculos da sociedade, todos os deveres, toda a Moral; perder-se-hia a civilização, e os homens seriam reduzidos ao estado da barbaridade, e quasi ao dos brutos, e das feras.

He por tanto do maior interesse publico, e particular de cada Reino, que a Religião seja respeitada, conservada, e defendida. He isto o que fizerão sempre todos os Politicos, e todos os Legisladores, estabelecendo, e authorizando hum Culto publico, e huma Religião de Estado, hon-

rando-a, consagrando-a com sabias Leis, e defendendo-a de todos os ataques e insultos, com severas penas, que se achão estabelecidas nos Codigos de todas as Nações civilizadas.

Pela Lei das doze Taboas todo o sacrilegio indistinctamente era punido com pena capital. Esta se ficou sempre conservando entre os Romanos, no tempo da Republica; porém no tempo dos Imperadores se modificou nos casos menos graves, ficando conservada só nos outros.

Este systema se tem seguido nas Legislações modernas de todas as Nações, e sobre tudo em a nossa de Portugal, que nesta parte he muito severa e rigorosa (1).

Embora diga Montesquieu *que a Divindade deve ser honrada, e não vingada*. Esta maxima nunca foi seguida na pratica pelos Legisladores de todas as Nações; e quando tractâmos de questões em Direito, devemos regular-nos pelas disposições das Leis positivas, e não pelas maximas arbitrias dos Filósofos; e muito menos em materias de Religião.

A' vista do exposto já se vê que os

(1) *Vejão-se os primeiros cinco Titulos da Orden. do L. 5.º, e nos Titulos 14, 15, 40, e no §. 4.º do Tit. 60 do mesmo L. 5.º*

erimes, que offendem a Religião, e contém sacrilegio, são por esta circumstancia muito mais graves, tanto por sua natureza, e considerados em si mesmos, como politicamente, em relação á Sociedade Civil. São crimes de Lesa Magestade Divina, que atacão o respeito que devemos á Santidade, Magestade, e Real Presença de Deos; mostrão hum indigno desprezo daquillo, que todos os homens mais respeito, e até dos primeiros officios da Lei Natural.

Todo o homem pois, penetrado dos sentimentos de Religião, se horrorisa naturalmente com estes crimes, principalmente quando são atrozes; e o mais atroz de todos he sem duvida o desacato, roubo, e violação dos Divinos Sacrarios, chegando os aggressores a profanar com impias e sacrilegas mãos o Augusto e Divino Mysterio da Eucharistia.

A Nação Portugueza, e os nossos Maiores, oluárão sempre com horror estes sacrilegios, e derão nestes casos as maiores e mais publicas demonstrações de sentimento; distinguindo-se entre todos os nossos Augustos e Fidelissimos Monarchas, cuja piedade e respeito para com a nossa Santa Religião formou sempre o seu distincto character, e de toda a Real Familia Portugueza; dando não só publicas demonstra-

ções do seu sentimento nos actos religiosos que praticarão, mas manifestarão o maior zelo no descobrimento, e castigo dos delinquentes.

Assim mesmo estes attentados contra o Augusto Mystério da Eucharistia erão tão raros nos antigos tempos, que se passavão seculos, sem que acontecesse hum só; pois desde a origem de Portugal até o Reinado da Senhora D. Maria I. contão-se sete mais notaveis.

1.º

Em Santarem vivião huns casados pelos annos de 1266, e pela má vida que o marido dava á mulher, se queixou esta a huma sua amiga de Nação Hebrêa, a qual lhe aconselhou que, quando commungasse, lhe levasse a Particula Consagrada, porque com ella lhe faria hum especial remedio, com o qual obrigaría o marido a querer-lhe bem: assim o fez a pobre mulher, escondendo a Sagrada Particula em huma toalha na occasião, em que fingio que commungava; mas milagrosamente, quando caminhava pela rua, lhe vírão correr sangue do seio, onde levava o Sacrosanto Deposito; e assustada com a novidade, em que todos reparavão, voltou para casa, e metteo o Corpo de Christo em huma arca.

Em a noite seguinte vio-se a casa toda illuminada, respirando suaves aromas, e soando Angelicos Canticos. Divulgou-se o caso, e então a Santa Particula foi levada para a Parochia de Santo Estevão, aonde depois se achou mettida em huma Ambula de crystal por mão Superior.

Até hoje se conserva incorrupta, obrando prodigios tão frequentes e publicos, que a devoção dos fieis lhe chama por toda a parte o Santo Milagre.

2.º

(1) Aconteceo no anno de 1362 na Cidade de Coimbra, no Reinado do Senhor D. Pedro I., supposto o Auctor citado o attribua ao Senhor D. João I., o que se deve reputar erro de imprensa, porque ElRei D. Pedro I. reinou até o principio do anno de 1367, seguindo-se o Senhor D. Fernando, e depois o Senhor D. João I. (Mestre d'Avis), que foi aclamado Rei nas Côrtes de Coimbra em 1385.

O Vaso Sagrado foi roubado do Sacrario da Cathedral da dita Cidade, com cinco Formulas Consagradas, por hum mancebo induzido, e comprado por hum

(1) *Refere este caso Jorge Cardoso na Agiologio Lusitano Tom. 3.º*

Judeo. Descobrio-se o delinquente, e foi punido com a morte.

Fez-se por este motivo huma solemne Procissão, em que o Bispo levou para a Sé as Sagradas Fórmãs, tiradas do lugar onde tinhão sido enterradas pelo Judeo. Huma Portugueza rica, chamada Anna Affonso, fundou alli huma Capella, com huma Irmandade, e Hospital; e, para ficar em memoria, lhe deo a invocação do Corpo de Deos (1). Tudo se perdeu com o tempo, e a Capella inteiramente se arruinou; mas ainda hoje existe a rua com o nome de Corpo de Deos.

3.º

Aconteceo em Lisboa a 11 de Dezembro de 1552. Estando hum Sacerdote a celebrar Missa, na Real Capella, na presença d'ElRei D. João III., entrou hum Inglez hereje, e tanto que o Sacerdote Consagrou a Hostia, se arremeçou ao Altar, e a tirou das mãos do Sacerdote, vertendo o Vinho do Caliz, que ainda estava por consagrar.

Apenas isto se observou, desembai-nhãrão os Fidalgos, e Criados do Paço as

(1) *Ficava esta Capella nas costas do Mosteiro de Santa Cruz.*

espadas para matarem ao hereje; mas El-Rei os suspendeo, ordenando que unicamente lhe tirassem das mãos sacrilegas o *Santissimo Sacramento*. Foi o reo preso, e castigado como merecia tão horrendo attentado. A Côrte, e o Reino se cobrirão de lucto, fizerão-se penitencias, e muitas demonstrações publicas de sentimento: El-Rei mandou fechar todas as janellas do Paço, e todos os Tribunaes da Côrte, e até á sua morte sempre ficou conservando o lucto.

4.º

Aconteceo na Sé da Cidade do Porto (1) em 11 de Maio de 1614. Foi roubado do Sacratio o Sagrado Vaso com as Sagradas Formulas. Nunca pôde ser descoberto o executor do delicto.

Fez-se por este motivo huma grande Procissão de Penitencia de noite, em que forão descalços o Bispo D. Gonçalo de Moraes, e o Governador, que então era das Justiças, Diogo Lopes de Sousa 4.º da Relação daquella Cidade (ó tempos, ó costumes). Semelhantes demonstrações de desagravo se fizerão em Lisboa, Coimbra, e por todo o Reino.

(1) *Refere este caso Gabr. Per. de Carv. De Man. Reg. P. 2.ª Cap. 53. n. 24. fol. 331.*

5.º

Sucedeo em Lisboa, na Freguezia de Santa Engracia, em a noite de 15 de Janeiro de 1630. Foi arrombado o Sacrario, e roubadas as Sagradas Fórmulas de hum Coffre de tartaruga guarnecido de prata, e de hum Vaso tambem de prata sobre-dourado; e roubados tambem alguns ornatos dos Altares.

O réo, que se suppoz deste delicto, foi sentenciado a ir arrastado pelas ruas publicas até o lugar, aonde cometteo o crime, a serem-lhe alli cortadas as mãos, e queimadas á sua vista; e depois ser elle queimado vivo, e as cinzas lançadas ao mar.

Por este motivo se instituiu huma Irmandade composta de cem Irmãos, da principal Nobreza da Côrte, com o titulo de Escravos do Santissimo Sacramento, que costumão fazer todos os annos hum Triduo na Real Capella d'Ajuda, e costuma tambem ElRei assistir á Festa do primeiro, e ultimo dia.

6.º

Aconteceo na Igreja da Freguezia do Santissimo Nome de Jesus de Odivellas, em a madrugada do dia 11 de Maio de

1671, tempo da Regencia d'ElRei D. Pedro II. (1).

Foi arrombado o Sacrario, e forão roubados dous Vasos Sagrados, hum de prata sobre-dourada, com as Formulas consagradas, e outro de prata lisa. Forão roubadas outras muitas cousas, e ornamentos das Imagens dos Santos, e Altares.

Por Decreto do Principe Regente, foi nomeado para Juiz da devassa deste delicto o Regedor das Justiças, Conde de Villar Maior, e Escrivães os Desembargadores Diogo Marchão Themudo, Corregedor do Crime da Côrte, e João Leitão de Andrade. Descobrio-se o delinquente, e foi condemnado a ser arrastado pelas ruas publicas até á Praça do Rocio, e alli depois de cortadas as mãos em vida, e queimadas á sua vista, morrer de garrote, e seu corpo reduzido a cinzas.

Por este motivo se fizeram muitas demonstrações publicas, e Procissões de Penitencia, e Desagravo. A primeira foi desde a Sé até á Freguezia de Santa Engracia, em que foi o Principe Regente, toda a Côrte, o Clero, e todas as Communida-

(1) *Refere este caso o Advogado, que foi nomeado para defender o reo, Manoel Alves Pegas, no seu Tractado Historico, e Juridico.*

des Religiosas. Seguirão-se Procissões semelhantes em todas as Freguezias de Lisboa, e outros muitos actos publicos de piedade, e Religião.

Em 16 de Junho do mesmo anno foram achados casualmente no caminho de Odivellas para Lisboa, em o silvado de huma vinha os dous Vasos Sagrados embrulhados em hum lenço, e hum embrulho com muitos dos ornamentos roubados, o que tudo foi levado ao Juiz da devassa.

Fizerão-se novas diligencias, tendo-se já feito muitas, e promettido o Principe Regente grandes premios a quem descobrisse o delinquente; mas tudo em vão, até que na noite de 16 de Outubro, sentindo huma criada do Mosteiro de Odivellas andar gente na cerca, pelas dez para as onze horas da noite, dêo parte, chamarão-se os Religiosos, e criados do Mosteiro, que fica contiguo ao das Religiosas, entrarão na cerca, e encontrarão hum homem, que declarou ter entrado com intento de furtar galinhas, como já tinha feito mais vezes. Foi preso, e sendo buscado pela Justiça, entre outras cousas que se lhe achárão, foi dentro de huma bolsa com algum dinheiro, huma Cruz de prata dourada, embrulhada em hum papel, que, sendo reconhecida, achou-se ser aquella, que fôra quebrada do Vaso do Sacrario.

O que tudo sendo levado ao Conde Regedor, e fazendo-se exame judicial da Cruz com o Vaso por dous Ourives, se achou ser a mesma que alli faltava; e por este indicio se presumio ter sido este preso o autor do roubo. Achárão-se depois em hum embrulho de fato do mesmo reo o resto dos ornamentos roubados, que ainda faltavão; e fazendo-sê-lhe perguntas, supposto negou ao principio, veio por fim a confessar ter sido o autor, e perpetrador daquelle roubo, por cuja confissão foi condemnado na fórma que já se disse.

Em 1744 hum devoto, chamado Antonio dos Santos, erigio hum Oratorio, em memoria deste acontecimento, no sitio onde apparecêrão os Vasos Sagrados, cujo se chama hõje o *Senhor Roubado*.

7.º

Succedeo na Villa de Palmella, na Igreja da Freguezia de Nossa Senhora do Castello, que hoje existe na Ermida de S. João Baptista, *extra muros* da mesma Villa.

Eis-aqui o caso, conforme a conta, que dêo o Presidente do Real Convento, e Ordem de Palmella, Clemente Monteiro

Bravo, á Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria I.

„ Senhora = Em a noite 13 do corrente mez de Maio, dia d'Ascensão de Nosso Senhor Jesus Christo, para o dia 14, a Ermida denominada de S. João Baptista, fronteira a este Convento, e contigua a esta Villa, que ha muitos annos serve de Freguezia de Santa Maria, Matriz da mesma; se achou roubada, segundo dizem, por tres ladrões, que espoliando-a quasi de toda a prata, e alfaias, e por ella diffundindo os Santos Oleos, deixando as Ambulas com as bôcas em terra, passarão ao horrendo attentado de abrirem o Sacratio, donde levárão hum Cofre com huma Hostia, e cinco Fórmãs consagradas, nelle depositadas, e huma Pixide com cento e tres Particulas consagradas, deixando além disso muitas dispersas pelo Altar do mesmo Sacramento. Peço a V. Magestade a sua Real Resolução, com a brevidade que o caso pede, para a minha ultima, e acertada determinação. Convento Real de S. Thiago da Espada de Palmella 15 de Maio de 1779.

„ O Presidente do Real Convento da Ordem de S. Thiago = *Clemente Monteiro Bravo.* „

Empregadas todas as diligencias para o descobrimento dos delinquentes , ficárão comprehendidos quatro. *Francisco Rodrigues*, *Manoel da Silva*, *João Baptista Cardoso*, e *José Antonio da Luz*. Forão sentenciados por Accórdão de 17 de Maio de 1780: os primeiros tres a serem arrastados com baraço e pregão até ao Campo de Santa Anna, e allí serem-lhe cortadas as mãos em vida, e queimadas, e depois morrerem de garrote, e ultimamente serem seus corpos queimados, com perda de todos os seus bens para a Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia, aonde commetêrão o delicto. O ultimo reo, que tinha ficado fóra a vigiar armado, em quanto se fazia o roubo, foi condemnado a ser enforcado, e cortada a cabeça, para ser posta no lugar do delicto, e em cem mil réis para as despezas da Relação.

A Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria I., imitando a piedade e zelo dos seus Augustos Predecessores, deo muitas providencias para o descobrimento dos delinquentes; e, para desaggravar a Jesus Christo, offendido na sua mesma Divina e Adóravel Presença, fez muitas demonstrações, e actos religiosos de sentimento.

Ordenou ao Senado da Camara que assistisse a huma Procissão de Desagravo, assim como toda a Córte, e que se obser-

vasse hum rigoroso lucto por nove dias, cujos se acabáráo no dia da Procissão, a que forão Suas Magestades (1).

Ordenou que na Igreja Matriz da Villa de Palmella se cantasse annualmente huma Missa em Desagravo do Santissimo Sacramento pelo desacato alli comettido (2).

Aqui verá o Leitor que no decurso de quatrocentos e dezeseite annos, que tantos vão desde 1362 até 1779, só se víráo em Portugal cinco desacatos. Feliz Reino, ditoso Povo, aonde a Religião florece, e a impiedade não impera!

Não he possivel na brevidade do meu intento dar ao publico huma exacta noticia de todos os desacatos comettidos neste Reino desde 1779 até ao presente; porque tem sido tantos, e tão frequentes, que por si sómente farião hum grande volume. Mas não deve admirar-se, se nos recordarmos que tudo isto são effeitos da primeira explosão da impiedade no Reino de França. As doutrinas anti-religiosas e anti-sociaes, que tanto se tem propagado, a desmoralisação dos povos, e o fanatismo da liberdade, são a origem funesta de tantos crimes, e tão horrendos attentados contra a Religião, e

(1) *Aviso de 23 de Maio de 1779.*

(2) *Aviso de 11 de Maio de 1781.*

contra aquillo que nella ha de mais sagrado.

Contento-me pois em dar ao publico a noticia dos tres ultimos, acontecidos no decurso de poucos mezes; e com isto fechei a bôca á torrente da impiedade, que raivosa, e exasperada por vêr os frequentes actos de Religião, com que os verdadeiros Portuguezes pertendem desaggravar a Jesus Christo, offendido no seu Divino Tabernaculo, quer persuadir ás almas piedosas, e simples — *que a historia dos desacatos he falsa, e que são invenções do fanatismo para illudir os povos, e fazer-lhe criar odio contra o Rei, e seus Ministros.*

Desengane-se pois o Mundo todo, de que a inimpiedade e filosofia do seculo só no meio da intriga, e da cavilação pôde propagar suas idéas, e concluir seus projectos. Vejamos pois a historia dos desacatos.

1.º

Em a noite da antevespera de Natal do anno passado de 1824 foi roubada a Igreja da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova da Villa de Monte-mór o Velho, situada no centro do Castello da mesma Villa. Entrarão os malvados pela torre, subindo aos telhados pela parte mais baixa; arrombárão algumas portas do interior, e

a do Sacrario, donde tirárão o Vaso Sagrado, despejârão as Sagradas Fórmãs sobre o Altar, e as cobrirão com a toalha; levando ao mesmo tempo huma rica Imagem de Jesus Christo Crucificado, que estava na Sacristia. Não se sabe por ora quem forão e quantos os cúmplices deste delicto, apesar das devassas, e averiguações que sobre este facto se tem feito.

Informado disto o Excellentissimo Bispo de Coimbra, D. Fr. Joaquim da Nazareth, fez convocar os Parochos e Ecclesiasticos daquella Villa e suas visinhanças, e os Pais de familia com seus filhos desde oito até doze annos, e fez huma publica Procição de Penitencia, acompanhando elle mesmo este acto *com os pés descalços, e habitos de humiliação!!!* Ao outro dia se fez huma Festa de Desagravo, em que o mesmo Religioso Prelado fez huma Homilia analogã ás circumstancias; subindo ao pulpito o seu Secretario, que pregou sobre o mesmo objecto.

2.º

Succedeo em a noite de vinte e dous para vinte e tres de Janeiro deste anno na Igreja de S. Pedro de Queimadella, Arcebisnado de Braga. Arrombárão os aggressores o Sacrario, donde levárão o Vaso de prata, em que estavam as Particulas con-

sagradas, sem que apparecesse huma só, assim como huma Hostia consagrada em maior fórma, que alli ainda se conservava, depois de ter servido para a Exposição na Festividade de S. Sebastião, em o dia 20 do mesmo mez de Janeiro. Roubárão igualmente dous Calices, hum todo de prata, e outro só com a cupula della, duas Patenas, huma Colherinha, e Chave do Sacrario, e duas Coroas de prata de Imagens de Nossa Senhora, que tudo estava fechado em hum armario na parede da Sacristia.

ElRei Nosso Senhor, cuja piedade he bem publica e notoria, querendo desaggravar a Divina Magestade offendida, e castigar os iniquos aggressores de tão horrendo desacato, ordenou ao Corregedor do Crime da Cidade do Porto fizesse as mais exactas averiguações para o descobrimento dos delinquentes, promettendo premios a quem denunciasse os criminosos (1).

3.º

Na tarde do dia 7 de Março do corrente anno, das seis para as sete horas, na Capella de Nossa Senhora da Lapa, sita no Campo de Santa Anna da Cidade de

(1) *Carta Regia de nove de Fevereiro de 1825.*

Braga, aonde tinha estado Exposto naquelle dia o Santissimo Sacramento em *Lausperenne*, no momento em que o Sacerdote tirava da Custodia a Hostia consagrada, para a depositar no Vaso sagrado, e recolher ao Sacrario; quando o povo todo de joelhos fazia em profunda reverencia a sua adoração, foi vista com geral espanto ser lançada huma porção de lama ou immundicia em direcção ao centro do Altar, que manchando em parte os Corporaes, a Toalha do Altar, a Murça e Sobrepeliz do Sacerdote, a Sacra do lado do Evangelho, huma parte da Banqueta, e Cortina do mesmo Altar, não chegou a tocar, e offender com tudo, pela Divina Providencia, nem a Hostia sagrada, nem a Custodia, nem o Vaso sagrado.

Hum tão sacrilego, inaudito, e horroso attentado tocou vivamente o coração de todos, e o do nosso amavel Rei, que para descobrir o malvado e nefando auctor de tão enorme sacrilegio, ordenou aos seus Ministros procedessem a todas as diligencias possiveis para o castigar como merece (1).

A tal ponto tem chegado a impiedade, a irreligião, e o desprezo daquillo, que

(1) *Carta Regia de 16 de Março de 1825.*

a nossa Santa Religião tem de mais respeitavel!

Apesar disso ainda existem neste Reino verdadeiros Catholicos, e amantes da Religião. Successivamente, depois destes desacatos, se tem observado por toda a parte publicas demonstrações de sentimento, para desaggravar a Divina Magestade offendida; sobre tudo nesta Capital, aonde se tem observado, para confusão dos impios, repetidas Procissões de Penitencia, Triduos, e Festas de Desaggravo, tendo eu mesmo sido por muitas vezes o interprete dos sentimentos do publico, prégando em diversas Igrejas desta Capital, sendo huma dellas a Parochial Igreja de Santa Isabel Rainha de Portugal, aonde, no dia 17 d'Abril, préguei o seguinte Discurso.

SERMÃO DE DESAGGRAVO.

Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus.

S. Joan. c. 6.

NADA he tão digno da magestade do Santuario do Deos vivo, e do respeito e piedade, com que deve ser tractada a Casa do Senhor, como a digna e competente reparação que intenta fazer-se, quando he impia e sacrilegamente profanado pelas mãos do homem.

O Povo de Deos o fez sempre que o furor dos seus inimigos, igualmente sequiosos das riquezas do Sanctuario, que perseguidores da sua Religião, os levou a profanar e saquear o Templo de Jerusalem. Com que respeito e diligencia não cuidarão em o purificar das iniquidades e sacrilegios, com que os soldados de Antiocho o tinham profanado? Elles principião por cobrir-se de cinza e de cilicio, dando gritos

de consternação e de lucto, prostrados por terra, conhecendo que as suas iniquidades são o primeiro e fatal principio daquellas mesmas profanações. O valoroso Judas Machabeo designa então os Sacerdotes da vida mais irreprehensivel, e a elles comette a purificação do Lugar Santo. O Altar dos holocaustos foi de todo destruido, e substituido por outro semelhante. Novos Vasos sagrados, novo Candieiro, novos Sacrificios: o Templo foi novamente dedicado ao Senhor com toda a magnificencia e piedade; e o povo, unindo a sua face ao pavimento, banhando-o com suas lagrimas, e dirigindo ao Senhor humildes preces, desaggravou e reparou as sacrilegas profanações, comettidas pelos inimigos da Religião contra o Templo, e contra os Altares.

Mas, Catholicos ouvintes, a Igreja de Jesus Christo não he menos zelosa em reparar os ultrajes feitos em seus Templos, nem os Christãos menos fervorosos em dar a Deos o competente desaggravo por tantos, e tão repetidos desacatos e profanações, comettidas contra a mesma Pessoa de Jesus Christo, realmente existente debaixo das Especies Eucharisticas.

Conduzidos os verdadeiros Portuguezes por estas mesmas idéas do respeito devido ao Sanctuario, e á mesma Pessoa de Jesus Christo aqui existente, com que ma-

goa, com que sentimento, com que horror tem ouvido a lastimosa historia de tantos, e tão frequentes desacatos, comettidos dentro deste Reino? Mas ao mesmo passo, com que piedade, com que respeito, e diligencia tem procurado desaggravar a Divina Magestade, offendida e desacatada! Quantas preces, quantos actos publicos de Penitencia não temos nós observado em os devotos Fieis desta Cidade!

Assim o deve exigir de nós, ó meu Deos, a vossa Magestade e Divina Presença, offendida e desacatada pela impiedade, e pela irrelição.

Ah, Fieis de Jesus Christo, não pôde ver-se sem lagrimas, espanto, e confusão até que ponto ha chegado em nossos dias o desprezo, a irrelição, a libertinagem, e o ataque geral contra os Templos, e sobre tudo contra o Mysterio mais sublime da nossa Religião, qual he o Santissimo e Divino Sacramento da Eucharistia! Hum zelo ainda o menos ardente, a piedade a mais mediocre, a fé a menos viva, as idéas em fim as mais vulgares de hum simples Christão, tudo se offende, tudo se agita á vista de tantos, e tão frequentes desacatos acontecidos nas diversas partes do nosso Reino.

Com quanto horror, Catholicos, devemos olhar para estas profanações, por se-

rem cometidas por homens, creaturas de Deos, fracas, miseraveis, e em tudo dependentes da sua Omnipotente Mão; mas sobre tudo por homens, que se dizem Christãos, instruidos das verdades sublimes da nossa Fé! cujas profanações são tanto mais audaciosas e insultantes, quanto he o conhecimento, e maligna deliberação, com que se tem perpetrado estes crimes, e a frequencia, com que se comettem.

Ora que gentes, que não são Christãs, cometão dentro dos Templos profanações e sacrilegios! Que hum Mahometano, que hum Pagão insultasse os nossos Templos, era Pagão, era Mahometano; mas que homens, que se dizem Christãos não respeitem o que a Religião lhes offerece de mais Sancto e Augusto; antes venhão profanalo do modo mais insultante e irreligioso! Que ousassem elles levantar contra o Sacramento Augusto suas barbaras mãos, para roubarem os sagrados Vasos, vilipendiar, e espalhar pelo chão as sagradas Formulas! Ah! eis-aqui o que não póde deixar de agravar mais estes horrorosos insultos; e que faz vêr o gráo de impiedade, com que se cometterão estes desacatos; desacatos, que offendêrão não só a Divina e Infinita Magestade do Senhor, mas atacárão vivamente a piedade dos Fieis, e pertendêrão não menos fazer o triunfo da impiedade, e da irreligião dos nossos dias.

Ah! que magoa nos verdadeiros crentes, que perigosa tentação para a sua mesma Fé! E ao mesmo tempo que desvanecimento, e apparente triumpho para a impiedade, se desacatos, que o Ceo mesmo, em castigo nosso, deixa por ora impunidos, se olhassem entre nós com huma indifferença insultante da Divindade!

Paremos, Senhores, nestas duas amplissimas idéas, que quando fossem dignamente desenvolvidas, farião hum vasto, e bem apropriado discurso ás circumstancias desta acção de Desagravo.

A piedade dos verdadeiros Portuguezes atacada, e offendida com tantos, e tão frequentes desacatos; e o pretendido triumpho, que a impiedade e philosophia do seculo deseja tirar de tantas profanações; he a materia do meu discurso, e deste solemne desagravo.

Meu Deos, se o Profeta Elias, á vista das profanações commettidas contra os sacrificios da Lei Antiga, se inflamou pelo zelo da vossa Casa; hoje que vejo profanado o Sacrificio da Lei Nova; e o vosso mesmo Corpo feito preza, e ludibrio da impiedade; inflamai o meu coração, animai a minha lingua, para que o vosso Povo, á vista destes ultrajes, avive mais a sua Fé para vos adorar realmente presente nesse Augusto Sacramento.

DISCURSO.

He tão terrivel, e espantosa a malicia do peccado publico, que não só offende o inviolavel respeito que se deve a Deos, que o prohibe pela sua Lei, mas induz aos outros a comette-lo, pela occulta, mas poderosa força que o exemplo tem sobre os homens, sobre tudo a respeito de acções, que favorecem a sua natural corrupção. Já corruptos de nossa merma natureza, e levados ao mal, somos mais faceis em abraçar os exemplos que se nos offerecem de maldade e vicio, do que os da honra, e da virtude: a difficuldade, que algumas vezes se encontra na execução do bem, nos prohibe de sermos ávidos em imitar as grandes e louvaveis acções; mas pelo contrario naturalmente levados ao mal, mais facilmente o comettemos, quando a isso somos excitados pelo exemplo dos máos homens. Tal he a intrinseca malicia do escandalo em qualquer genero de vicio, e tal he a funesta responsabilidade ácerca daquelles, a quem elle corrompe. Aos pios e fieis afflige, consterna, e abala; e aos máos fortifica em o mal, endurece, e dispõe para maldades ulteriores. Funesta origem, germen terrivel da corrupção, que inunda a terra toda!

mas necessaria, inevitavel, mas nem por isso escusavel, antes funesto principio de condemnação para aquelle que o dá. *Necesse est venire scandala, verumtamen vae homini illi, per quem scandalum venit*

E acaso, C. O., serão pequeno ou pouco para temer-se os escândalos que podião nascer, e por de-graça nascerião dos horrores e desacatos committidos pelos malvados dentro do Sanctuario, contra a mesma Pessoa de Jesus Christo? Ah! quanto a fé, e a piedade de huns tremeria a este espectáculo, e quanto a impiedade, e a irreligião triumpharia em outros? Principiemos pela primeira.

A Fé, esta virtude sobrenatural, pela qual cremos firmissimamente todas as verdades reveladas, e de tal sorte as cremos, que dariamos por ella a mesma vida, para defende-las á face dos Tyrannos, he huma virtude verdadeiramente infundida em nossas almas, e nellas sustentada pela graça do Senhor, só a qual póde faze-la triunfante de tantos, e tão repetidos ataques, que a nossa razão, que só ama as evidencias, não cessa de fazer-lhe, sobre tudo nestes tempos, em que a pertendida Filosofia trabalha quanto póde por destruir o seu império, e sobre as suas ruinas estabelecer sómente o da razão fraca, e escurecida.

He pois a Fé huma graça do Senhor,

hum habito por elle impresso em nossas almas , porém desgraçadamente em grande parte desvanecido pela mão da nossa corrupção , e se não de todo morta , e perdida , ao menos moribunda , e vacillante. Ainda quando viva , he sempre obscura , delicada , e capaz de assustar-se á contemplação mais séria dos incompreensíveis Mystérios , que ella nos propõe , e á qual , para conservalla , he sempre preciso fazer-lhe repetidos sacrificios , e lançar de contínuo hum véo espesso sobre a contínua duvida , que a nossa razão , e o mesmo Inferno não cessa de propor-lhe.

A' vista disto , qual sería , C. O. , e de que consequencias , aos olhos da Fé , o triste , e lastimoso espectáculo de tantos , e tão repetidos desacatos , que sabemos terem acontecido em os diversos lugares do nosso Reino ? Os malvados entrárão nos Templos , e sem attenderem ao respeito que se lhes deve , respeito até concedido pelos Povos barbaros ás suas Mesquitas , e quaesquer Casas das suas fingidas Divindades , chegam a arrombar as portas do Divino Tabernaculo , os Vasos sagrados são roubados por suas mãos sacrilegas , as sagradas Formulas espargidas pelo pavimento não prolonguemos , Senhores , por mais tempo hum quadro , que ainda agora mal pintado deve por extremo excitar a vossa , e a minha sen-

sibilidade, e parece aggravar ainda o mesmo Sanctuario.

A natureza estremece, o coração palpita, a lingua vacilla, a piedade dos verdadeiros Portuguezes geme em segredo, mas he só espectadora dos ultrajes que observa.

Mas o Ceo .! dizem os Fieis, o Ceo . . . porque não troveja elle, porque não despeja raios sobre os impios, sobre os malvados, sobre os profanadores ! O Deos terrivel, que alli adorâmos existente, porque não falla, porque não solta essa voz de trovão, ao ouvir a qual os Cedros do Libano se curvarião logo até beijar o pó da terra, quanto mais os fracos e despreziveis perpetradores de tão horrendos desacatos !

Tal, C. O., póde ser a tacita linguagem de huma verdadeira piedade, e tambem de huma Fé pouco radicada ! Pois hum Deos terrivel alli occulto póde soffrer tantos insultos ? Serei eu obrigado a acreditar hum Deos exposto aos ultrajes arbitrarios, que venhão fazer-lhe aquelles mesmos, que alli o acreditão, e que em tanto se atrevem a profana-lo de mil modos, que calcão aos pés, e que espalhão este Pão Celeste pelo pavimento ? Sobre as difficuldades, que os meus sentidos, e a razão encontram em acreditar este sublime Mysterio da nossa crença, terei ainda de vencer esta, de vêr, e

acreditar sujeito aos desprezos mais irreligiosos do homem o meu Deos?

O' Fé Divina! Fé Augusta! Authoridade infallivel do meu Deos, exercita sobre mim todo o teu imperio, desvanece, dissipa toda a viva impressão que em mim fazem taes successos! Ou de outro modo, tirai delles, Senhor, a justa vingança que merecem! As mãos sacrilegas, que vos tocárão, sêccas, aridas, nunca mais se movão! A terra os trague, como a Coré, e Abiron! E então, Senhor, mais, e até visivelmente vos reconhecerei nesse Sacramento de Amor; porque então de outro modo os vossos mesmos inimigos, insultando a minha crença, poderão perguntar-me; aonde, ó simples, aonde está aqui o teu Deos neste Sacramento, se eu d'elle mesmo zombo, e escarneço? *Ubi est Deus tuus?*

Porém, C. O., não se assuste, nem vacille por isto a vossa Fé, nem o escandalado, que vos dão os vossos inimigos, chegue a pôr em duvida a vossa crença acerca da Real Presença de Jesus Christo no Augusto Sacramento dos nossos Altares. Não permittio elle que os perfidos Judeos o insultassem por mil modos, até tirar-lhe a innocente vida sobre huma Cruz infame? Não lhe disse elle mesmo, que sómente o poder, ou permissão do Alto he que o sujeitava ao seu barbaro poder? *Non haberes*

in me potestalem, nisi tibi datum esset de super?

Alli pois, C. O., naquella Augusto Sacramento, Jesus Christo, realmente o mesmo que morreo no Calvario, e só differente no differente modo de existir, elle conserva a mesma paciencia no meio dos mais vivos ultrajes que lhe fazem; reduzido á humilde fórma de alimento do mesmo homem, despojado de toda a sua gloria, e grandeza, não ostenta de alguma fórma o seu poder, permite não só estes, mas outros quaesquer ultrajes, que lhe fação os seus inimigos, de que elle tirará huma severa, e eterna vingança.

E estes ultrajes, ainda que excitem vivamente a sua colera, e justiça, atacão menos a sua Divina Magestade, do que nos preparão a nossa desgraça. Jesus Christo firme, immovel, e imperturbavel no centro da sua mesma felicidade, a qual nada pôde nem levemente alterar, elle olha nestes ultrajes, ainda mais a fatal cegueira e desgraça, que o homem com elles se prepara a si mesmo, do que a sua mesma offensa; por isso a tolera, soffre, e até mesmo chega a perdoar, quando se lhe dá a digna e competente reparação.

Não vos inquiete pois, ó almas pouco firmes, não vos inquiete o silencio, e soffrimento, com que o mesmo Deos se ha

no meio da indignidade, com que o tractão: alli existe, e existia então mesmo, que tão sacrilegamente o tractavão. Tanto he o seu Amor para com os homens, e tanto quer ostenta-lo naquelle Adoravel Sacramento! Os mesmos perfidos, e barbaros, que assim o ultrajárão, entrarão ainda em sua amizade, se a sua graça obrar nelles, o que obrar póde.

Não vacille pois, ó Fieis de Jesus Christo, a vossa Fé, fazei-lhe antes repetidos sacrificios das vossas luzes, e razão, para reconhece-lo alli existente, apesar da mesma indignidade com que o vedes profanado. Nem porisso tambem, ó impios, triunfa a vossa incredulidade!

Seria este, C. O., hum novo mal para temer-se, se destas sacrilegas profanações, cometidas contra o Divino Sacramento, podesse a impiedade dos nossos dias alcançar algum triumpho, como com effeito pertende alcançar.

Ninguem de vós ignora até que ponto se tem estendido o fatal imperio da irrelição, da impiedade, e da Filosofia do seculo, e que desde o passado ella parecia ter conseguido o mais assignalado triumpho sobre a Religião do Evangelho. Chegou a atacar-se a existencia do mesmo Deos, e a dogmatizar-se em publico o mesmo Atheismo. Admirou-se sim a sublimidade da dou-

trina do Evangelho, fez-se della o mais pomposo elogio, fazendo vêr a sua superioridade a tudo que a filosofia tem produzido de melhor: mas a sua Divindade tem sido positivamente atacada por infames penas, que sabem ajuntar a eloquencia, e a impiedade, e que se tem servido de toda a especie de argumentos para destruirem o Evangelho, e o seu Auctor. Os Mystérios tractão-se de fabulas, as praticas mais edificantes do Christianismo de superstição, as suas Leis de impraticaveis, e até oppostas ás Leis da decantada natureza, e em fim, Sãnhores, a filosofia do seculo tenta, e esforça-se em reduzir o homem ao estado dos brutos, e das feras, sem relações algumas com Deos, nem a algum fim eterno, para que o homem houvesse sido creado.

Ora: neste estado de furor, e quasi frenetica raiva contra a Religião, sobre tudo porque ella põe hum estreito freio á liberdade, e licença dos costumes; no estado de perseguição, e pavor, a que se acha reduzida a Esposa de Jesus Christo nas suas mesmas Verdades, e Moral, quando a impiedade pertende já cantar victoria sobre ella; que maior occasião para seus triunfos, do que estas profanações e insultos, livremente, e com tanta frequencia, comettidos contra aquillo, que a Religião nos offerece de mais Sancio, qual he o Divino e Augusto Sacramento dos nossos Altares?

Esta especie de pertendidos philosophos, guiados sómente pelos sentidos, e pela sua razão, e querendo sujeitar a ella todas as demonstrações, nos desafião muitas vezes para esta sorte de combates; e tractão de convencer-nos de loucos, ou de fanaticos, quando acreditâmos verdades, que ou a razão não comprehende, ou os sentidos contradizem. He para elles huma destas verdades aquella, que fielmente acreditâmos: *a existencia Real de Jesus Christo no Augusto Sacramento dos nossos Altares.*

Vem cá, impio, se he que me escutas, eu te offereço combate, dize-me, qual he o character de que te revestes? Hés Judeo? certamente; ainda que occulto e disfarçado. Pois se como Judeo me perguntas: como pôde Jesus Christo dar-nos a sua Carne para comer, e o seu Sangue para beber? *Quommodo potest hic dare carnem suam ad manducandum?* Póde; porque quem pôde crear o Ceo, e a Terra com huma unica palavra, o homem de hum pouco de barro, e obrar tantas, e tão extraordinarias maravilhas, selladas com a authoridade Divina nos Livros da Antiga Alliança, tambem podia converter o Pão e o Vinho na substancia do seu Corpo, e do seu Sangue!

Hés Hereje? certamente, porque abraças os erros de todos os Herejes, em todos os seculos, e em todas as idades; e se co-

mo Hereje abraças o Evangelho, vê, contempla, medita nas terminantes, e clarissimas expressões do Divino Salvador, na Instituição do Adoravel Sacramento. Toma o pão, abençoa-o, e diz: *Este he o meu Corpo. Hoc est Corpus meum*; e da mesma sorte o vinho: *Este he o meu Sangue. Hic est Sanguis meus*. Não disse, como querem os Lutheranos, e Calvinistas: Este Pão he a imagem, e a figura do meu Corpo, e do meu Sangue; mas disse, e declarou aquillo que não tinha feito na instituição dos outros Sacramentos; esta comida he a verdadeira e real substancia do meu Corpo, e esta bebida o meu verdadeiro Sangue: *Caro mea vere est cibus, et sanguis vere est potus*, e para nos tirar toda a duvida, ainda accêscenta: e este mesmo Corpo, que aqui fica debaixo das especies de Pão, he aquelle mesmo que ha de ser entregue aos meus inimigos para vos salvar. *Hoc Corpus, quod pro vobis tradetur*.

Heo Filosofo impio? então contigo não quero argumentar; eu te voto ao desprezo do genero humano; porque o teu systema he huma mescla de todas as Seitas, hum aggregado de todas as impiedades, hum odio desenfreado sobre tudo que he sagrado. Eu, assim como todos os verdadeiros crentes, adorâmos, protestâmos adorar a Real Presença de Jesus Christo no Au-

gusto Sacramento dos nossos Altares; he verdade que a minha razão fraca e limitada não póde comprehender a grandeza deste Mysterio, nem os meus sentidos alli encontrão senão as especies de pão; mas a minha Fé me ordena que adore, que acredite a Real Presença de Jesus Christo no Augusto Sacramento dos nossos Altares; ainda que a minha razão o não comprehenda, e os meus olhos o não vejam; *quod non capis, quod non vides animosa firmat Fides.*

Que triumpho pois, C. O., ainda que apparente para os impios e filosofos do seculo, e fundado sómente no testemunho dos sentidos, a sacrilega profanação, que se tem feito do Sanctuario, e do que nelle se contém de mais Divino! Com que insultantes risos ouvirião elles a lastimosa historia das profanações, e desacatos, comettidos na Igreja de S. Pedro da Queimadela (1), na Capella de N. S. da Lapa, da Cidade de Braga (2), e em outras partes do nosso Reino? Que mofa, que escarneo farião da nossa Fé? Com que indifferença, ou sacrilego prazer, ouvirião elles, que fôra espargido pelo pavimento do Sanctuario o Pão do

(1) *Acontecido em a noite do dia 22 para 23 de Janeiro.*

(2) *Acontecido em o dia 7 de Março.*

Ceo, que forão roubados os Vasos com as sagradas Formulas, e o Divino e Augusto Sacramento sacrilega e injuriosamente tra⁴ ctado? Com que ufania dirião elles talvez, e desvanecimento: eis ahi o Deos, que os Christãos reconhecem nos seus Templos: vêle como he falsa a sua crença: alimentão-se de fabulas e quimeras, adorão hum Deos encoberto em fracos accidentes de pão; hum Deos, que não vêem, nem sentem por algum modo — *Dicant in gentibus ubi est Deus eorum?*

Não, impios Filósofos, incredulos dos nossos dias, não canteis a victoria; já vos disse que esse triumpho he apparente, e momentaneo; debalde cevais a vossa colera contra a Religião, conspirando-vos por toda a parte contra o Mystério mais pomposo, e brilhante da nossa crença, vós injuriais e insultais hum Deos, que he infinitamente superior a toda a vossa raiva; *J. C.* soffre-vos porque muito quer, mas elle reserva para a eternidade (que vós não quereis reconhecer) a sua justa vingança.

Os Judeos poderão tirar-lhe a innocente vida sobre huma Cruz; mas gloriarão-se por curtos instantes: os mesmos que o guardavão no frio tumulto, o virão surgir glorioso. Dalli sahio a propagar-se o Christianismo, que elles querião suffocar logo em o berço; e Jerusalem Deicida, arrasada, e

para sempre destruída, reduzida a hum montão de cinzas; e as suas Tribus dispersas pela face da terra, tidas em opprobrio, e abominação de todo o mundo, pagão bem caro o maligno prazer, que tiverão de o cobrir de opprobrios, e matar na Cruz. O Gentilismo poz-se logo em campo para combater o Crucificado, e os seus Discipulos: as cavernas da terra lhe servirão de Sanctuarios, o sangue dos defensores da Religião cotreo em abundancia, toda a especie de martyrio se poz em uso, para suspender a sua propagação: o mesmo Pão Celeste, nestes tempos de perseguição, teve ultrajes a seffrer da parte dos Tyrannos, e ainda mais dos differentes Herejes, que no progresso dos seculos excitára o Inferno; sobre tudo os Valdenses, e Albigenses: o mesmo fogo e agua, a que muitas vezes era lançado, sempre o respeitou: e no meio da pertinaz guerra, que a Heresia, o erro, ou a impiedade lhe tem sempre suscitado, a verdade triunfa, a Fé, neste mesmo artigo, se propaga; se perde em hum canto da terra, ganha e adquire em outro: e pela propria experiencia, bem apesar vosso, deveis conhecer, ó ímpios, que toda a força, e guerra da Filosofia nada póde contra as obras de hum Deos, e contra a Religião, que he obra sua.

Consolai-vos pois, fieis Discipulos de

Jesus Christo; nem a vossa Fé vacilla, nem a impiedade triunfa: se ella se desvanecer destes insultos, se com elles intenta destruir em nós a nossa crença, engana-se; a impiedade só triunfa por momentos, e a Religião de J. C. ha de prevalecer contra os seus esforços, porque a palavra de Deos não falta. *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

Recolhei pois, C. O., dentro dos vossos corações as consolantes verdades, com que acabo de instruir-vos, e que devem destruir os escandalos, que destas terriveis e sacrilegas profanações podem resultar; ou fazendo diminuir e vacillar a vossa Fé, ou dando occasião ao supposto triumpho da impiedade. Para obstar a estes escandalos, e desaggravar a Divina Magestade offendida com tão nefandos e horrosos desacatos, redobai a perpetua adhesão á vossa Fé, e á nossa sagrada Religião Catholica. O Senhor quiz servir-se desses malvados, que o insultarão, para vingar-se dos nossos crimes; tolerou, soffreo por esta occasião gravissimos insultos, mas nós vimos a ser pelo menos huma causá indirecta dos mesmos ultrajes, que lhe fizeram.

Não peçamos a Deos que castigue os malvados, porque isso pertence á sua impreterivel Justiça; mas devemos satisfazer a Deos por elles, e rogar lhes perdoe tanta

maldade. As lagrimas, o jejum, e o exercicio das boas obras seja a nossa principal occupação; tanto vos pede a gloria de J. C. injuriada naquelle Augusto Sacramento.

Se o Povo de Israel, á vista das profanações comettidas por Antiocho, e seu exercito, vendo o Altar profanado, as portas queimadas, rasgáão seus vestidos, deramárão lagrimas, gritárão até o Ceo, cobrirão-se de pó, e cinza; *sciderunt vestimenta sua, planxerunt planctu magno, et imposuerunt cinerem super caput suum*; com quanta maior razão o Povo Christão, á vista dos horrores perpetrados por homens, que se dizem filhos do Christianismo, dentro do Sanctuario da Nova Igreja, deverá dar-se a todos os signaes de huma santa e verdadeira dôr, e de huma sincera penitencia, para reparar do possivel modo os ultrajes feitos a Jesus Christo, por tantos malvados?

Seja pois este o fructo das minhas palavras neste dia, que vós consagrais á expiação e desaggravo do Santissimo Sacramento. Não nos contentemos de lamentar no segredo dos nossos peitos as sacrilegas profanações dos Lugares Sanctos, e desacatos, comettidos contra J. C. na sua Real Presença naquelle Augusto Sacramento. O desaggravo deve igular a gravidade da offensa, praticando actos diametralmente op-

postos áquelles, que na perpetração destes insultos deixarão vêr os impios e malvados aggressores, que os comettêrão. A impiedade, e falta de Fé nos malvados, eis-aqui o fatal principio dos seus insultos: huma Fé bem pura e firme neste Divino Sacramento, eis-aqui hum dos meios, com que devemos desaggravar a J. C. ultrajado.

Procuremos, Fieis de J. C., oppôr hum muro de bronze á torrente da impiedade e Filosofia do seculo, que por toda a parte se conspira contra a Religião, e sobre tudo contra o Augustissimo Sacramento da Eucharistia, por isso mesmo que he de todos o mais sublime Sacrificio, e a mais digna honra, que Deos pôde receber do homem. Vê o demonio por toda a parte os altares do erro cahidos por terra; e por toda a parte levantados os Altares, aonde J. C. se offerrece debaixo das Especies Eucharisticas: empenha por isso todos os seus esforços para os destruir; suscita os Herejes, os Infieis, e até os mesmos Christãos degenerados, para arruinar nossos Altares, roubar os sagrados Vasos, vilipendiar, ultrajar, e sacrilegamente tractar o Divino Sacramento, e o mais Augusto da nossa Religião.

A nós, Christãos, pertence expiar os crimes que se comettêrão, tractando daqui por diante o Templo com mais respeito; adorando o Santissimo Sacramento daquel-

le modo que exige a Real Presença de J. C. alli existente, e purificando nossas consciências, antes de nos prostrar diante da sagrada Mesa para receber a J. C. em nosso peito.

Prostremo-nos ante o Throno da sua Misericordia, choremos ainda mais nossas iniquidades, como causa de tantos crimes, do que os mesmos aggressores, que os perpetrarão.

Meu Deos, gentes malvadas polluirão, e profanarão o vosso Templo sagrado. *Venerunt gentes polluerunt Templum sanctum tuum.* Nós, os verdadeiros Portuguezes, somos o opprobrio, e escarneo dos impios, dos libertinos, e dos vossos inimigos, que por toda a parte nos insultão, e nos perseguem. *Subsannatio, et illusio his, qui in circuitu nostro sunt.* Até quando, Senhor, exercitareis contra nós a vossa ira! Exercitai-a, empregai-a nesses que vos não conhecem, e ultrajão. *Effunde iram tuam, in gentes, quæ te non noverunt.* Elles profanarão o vosso Templo, e desacatarão a vossa Divina Pessoa. *Comederunt Jacob, et locum ejus desolaverunt.* Castigai, Senhor, os vossos inimigos, até pela gloria do vosso Nome, para que elles não digão com desvanecimento = Aonde está, Catholicos, o vosso Deos, do qual tanto escarnecemos. *Ne forte dicant in gentibus; ubi*

est Deus eorum? Nós somos o vosso Povo
escolhido, nós vos adorâmos, e protestâmos
adorar nesse Augusto Sacramento por to-
dos os seculos sem fim. *Amen.*

F I M.